

***Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
Embrapa Amazônia Oriental  
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento***

**O homem que tentou domar o Amazonas:**  
biografia do cientista Felisberto Camargo, polêmico, ousado  
e futurista

*Paulo Roberto Ferreira  
Marly Quadros*

*Emeleocípio Botelho de Andrade*  
Editor Técnico

***Embrapa Amazônia Oriental  
Belém, PA  
2011***

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

**Embrapa Amazônia Oriental**

Tv. Dr. Enéas Pinheiro , s/n.

Caixa Postal 48.

CEP 66095-100 - Belém, PA.

Fone: (91) 3204-1044

Fax: (91) 3276-9845

www.cpatu.embrapa.br

sac@cpatu.embrapa.br

**Supervisão editorial**

*Luciane Chedid Melo Borges*

**Supervisão gráfica**

*José Gomes da Costa*

**Revisão de texto**

*Narjara de Fátima Galiza da Silva Pastana*

**Normalização bibliográfica**

*Luiza de Marillac Pompeu Braga Gonçalves*

**Projeto gráfico, capa, edição das imagens e editoração eletrônica**

*Vitor Trindade Lôbo*

**1ª edição**

1ª impressão (2011): 500 exemplares

**Todos os direitos reservados.**

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei Nº 9.610)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Embrapa Amazônia Oriental**

---

Ferreira, Paulo Roberto

O homem que tentou domar o Amazonas : biografia do cientista Felisberto Camargo, polêmico, ousado e futurista / editor técnico, Emeleocípio Botelho de Andrade ; autores, Paulo Roberto Ferreira, Marly Quadros . – Belém, PA : Embrapa Amazônia Oriental, 2011.

192 p. 21cm

ISBN: 987-85-87690-57-9

1. Camargo, Felisberto, 1896-1977 – Biografia. 2. Pesquisa agrícola – Amazônia – Brasil. II. Andrade, Emeleocípio Botelho de, ed.II. Quadros, Marly. III. Título.

---

CDD 923.30981

© Embrapa 2011

*“A Amazônia não é o inferno verde, nem uma terra sem valor agrícola.  
É necessário conhecê-la, para saber aproveitá-la devidamente”.*

*Felisberto Camargo, 1951*

# Agradecimentos

---

Ao nosso editor técnico, Emeleocípio Botelho de Andrade, pelo convite e orientação.

À senhora Maria Angelina Camargo O'Neill Addison, pela determinação e encorajamento para que este livro fosse publicado.

Ao ex-diretor da Embrapa Amazônia Oriental, Adilson Serrão, pelo apoio à ideia de publicar esta obra.

Ao pesquisador Ítalo Falesi, pelo precioso arquivo de dados sobre Felisberto Camargo.

## Apresentação

---

**H**istória não é condescendente com os espíritos tíbios. O homem, para merecer destaque no pódio da glória, como estabelece a carta bíblica, há de ser quente ou frio, nunca morno. Felisberto Camargo era a personificação dos extremos, gostava ou não gostava. Não era dado à contemporização.

Ninguém imprime de forma indelével seu nome na memória de uma sociedade a não ser pelo trabalho árduo e abnegado daquilo que é fruto de sua convicção. Camargo comportava os principais itens que caracterizam o homem de sucesso: inteligência, firmeza de caráter e firmeza de propósitos. A resplandecência do primeiro atributo contribuiu decisivamente para que nunca permitisse abrir mão dos dois últimos.

Foi assim durante toda a sua trajetória como pesquisador, administrador, consultor ou como singelo brasileiro: um cidadão honesto e nacionalista peremptório. A Amazônia era, incontestavelmente, pelo potencial dos recursos naturais e por tudo que poderia proporcionar para o enriquecimento do País, o motivo dessa paixão. Por conta desse amor, passou muito tempo a observar, analisar, estudar, consultar, planejar e implementar uma série de projetos ousados, relevantes e polêmicos, mas, sobretudo, impregnados de uma visão além de seu tempo ou, pelo menos, do que pensava a sociedade amazônica daquela época.

No início da década de 1940, auxiliado pelo corpo técnico da instituição que dirigia, acreditava que os solos da Amazônia, por serem pobres, devido

sua origem geológica, estavam naturalmente vocacionados para o cultivo de plantas perenes. O cultivo de plantas de curto ciclo, como arroz, milho, feijão e mandioca, deveria ser conduzido nas várzeas ricas em nutrientes e localizadas às margens dos rios amazônicos. A fertilidade desses solos poderia assemelhar-se à do Rio Nilo. Seus estudos sobre os solos de terra firme, onde se localizavam o Instituto Agronômico do Norte e parte das terras atravessadas pela Estrada de Ferro de Bragança, o levaram a defender essa tese apresentada na Conferência Interamericana Sobre a Conservação dos Recursos Naturais Renováveis, realizada em Denver, Colorado, nos Estados Unidos, em setembro de 1948.

Como poderá ser percebido no corpo deste documento, o cientista Felisberto Camargo era, no campo da agropecuária nacional, uma das mentes mais brilhantes do seu tempo. Dotado de aguda sagacidade e elevada capacidade de observação, aliava sua incontestável destreza no uso das palavras à eloquência e consequia, com argumentos lúcidos e carregados de embasamentos técnicos seguros, convencer os donatários das decisões superiores da importância das teses a serem defendidas e dos projetos a serem implementados.

Sempre atento à ação governamental, alertava para a imprevidência do poder público que, à falta de estudos sobre a composição e a natureza do solo da região que circunda a cidade de Belém, em um raio de 200 km entre a capital do Pará e a cidade de Bragança, estabeleceu um equivocado processo de uso da terra, que deveria redundar em grave erro de exploração agropecuária e de organização social no futuro.

Chamava a atenção também para a necessidade de, na Amazônia e nas demais regiões do Novo Mundo, se romperem os grilhões da rotina agrícola do passado e se preparar para suportar, em um futuro próximo, a crise catastrófica que, àquela época, ameaçava o mundo, provocada pelo aumento da população que não era acompanhado de aumento de produção de alimentos. Naquele período, segundo dados técnicos, o mundo dispunha de menos de um hectare de terra agrícola cultivada para cada ser humano.

Essa previsão malthusiana era indício de uma era de fome futura, se não fossem tomadas as providências adequadas para inverter o sentido da crise. Aliás, essa preocupação com a perspectiva de uma crise de fome a que estavam condenadas as pessoas que viviam na Amazônia, que não dispunham de meios de transporte e dependiam totalmente de outras regiões produtoras para sua sobrevivência, era uma constante inquietação desse pesquisador preocupado e responsável com a solução desse problema.

Para merecer um lugar destacado na história de seu tempo, os cidadãos necessitam construir um marco referencial erguido com muito trabalho e

dedicação. Seguramente, Felisberto Camargo, como engenheiro-agrônomo, construiu essa plataforma representada por dois dos três pilares que, em qualquer região, constituem a base do desenvolvimento agropecuário: o ensino, a pesquisa e a extensão rural. Os dois primeiros pilares fundamentais são representados, em nossa região, pelo Instituto Agrônomo do Norte (IAN), hoje Embrapa Amazônia Oriental, e pela Escola de Agronomia da Amazônia, a atual Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra), nos quais ele teve intensa e profícua participação.

É plausível supor que ele tenha planejado repetir na Amazônia o êxito da experiência paulista no campo da agropecuária, que ele tão bem conhecia, implantando um centro de pesquisa agrícola nos moldes do Instituto Agrônomo de Campinas, fundado em 1889, por D. Pedro II, e criando uma bem estruturada escola de agronomia, à semelhança da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, fundada em 1902, na qual se formara, em 1917.

A Ciência está repleta de eventos em que a reação dos estudiosos ante o posicionamento da sociedade às suas descobertas ou ideias, principalmente as negativas, pode até parecer estranha. O audacioso Felisberto era intransigente na defesa das teorias que o habitavam e nos projetos que defendia, pudessem eles parecer insólitos ou visionários, desde que a convicção sobre determinado raciocínio não lhe permitisse dúvida, quer da base teórica estabelecida como hipótese da proposta, quer pela relevância dos resultados que o projeto poderia trazer em benefício da sofrida população regional. Convencidos os mandatários superiores e estabelecida a decisão política, ninguém o afastava dos objetivos e metas a serem alcançados. Por isso, ele foi muitas vezes contestado e mesmo detestado, principalmente quando seus projetos pudessem, de alguma forma, contrariar os interesses obscuros de alguns coronéis poderosos ou de algumas mentes menos iluminadas.

Assim foi o indômito Camargo. Na implantação do programa de pesquisa da seringueira, em parceria com a Fundação Ford, para combater o mal-das-folhas que dizimava os cultivos racionais dessa planta que fora a redenção econômica do grande vale; como na luta incessante na busca de processos para tornar as várzeas do estuário do Amazonas agricultáveis. Na saga, em que colocou em jogo a própria vida e utilizou todo o prestígio que desfrutava junto ao presidente da República, Getúlio Vargas, para trazer animais bovídeos da Índia, mais adaptados às condições tropicais; como para rasgar os canais que dariam passagem às águas do Rio Amazonas, cujos sedimentos em suspensão, arrancados das margens desde as cabeceiras, eram lançados no Atlântico e deveriam ser desviados e assim depositados no fundo dos extensos lagos, logo às margens do grande rio que ele queria domar, ou pelo menos tornar mais patriótico, em alusão ao que escrevera Euclides da Cunha, em *Os Sertões*.

A agropecuária da Amazônia muito deve a esse bravo guerreiro, que soube muito bem defender com o saber científico os interesses da terra que, após sua chegada a Belém, em 1941, adotou como sua.

Este livro, como as demais demonstrações de reconhecimento que foram consignadas em diversos momentos pelas instituições que lhe são caras, é mais um tributo à memória e uma dívida que é resgatada pelos amazônidas.

O mérito desta obra se deve sobretudo à capacidade de síntese dos autores, os jornalistas Paulo Roberto Ferreira e Marly Quadros, escolhidos pela Embrapa e que aceitaram o desafio. Foram eles que, em uma linguagem profissional, leve e agradável, souberam gerenciar e transformar a riqueza do manancial de dados em uma narrativa absolutamente técnica que retrata a luta de um cientista que acreditava na força do trabalho obstinado. O registro dos dados criados pelo cientista, conservados carinhosamente pelos filhos Maria Angelina, José Geraldo e Maria Thereza, na forma de fotografias, recortes de jornais, publicações técnicas e rascunhos, é o fruto da disciplina e organização sistemática próprias dos grandes pesquisadores, que guardam em si a importância e a sensibilidade do momento histórico. Enfim, a concretização do livro é creditada às gerências das instituições que hoje são o orgulho da pesquisa e ensino agropecuário na Amazônia, a Embrapa Amazônia Oriental e a Universidade Federal Rural da Amazônia.

*Emeleocípio Botelho de Andrade*  
Editor Técnico

## Prefácio

---

Além da madeira gotejante

**A**limentos geneticamente modificados, clonagem, mapeamento do genoma humano, exames de DNA, fibra óptica. A pesquisa científica do século 21 avança em uma velocidade nunca antes imaginada. O homem tem pressa. Ainda assim, permanecem os desafios, que se juntam a novos problemas para a humanidade: Aids, doença da vaca louca, guerras biológicas, degradação do meio ambiente, escassez de água, fome.

O Brasil ocupa hoje um espaço de destaque nas pesquisas voltadas para a produção de alimentos e na descoberta de alternativas de convivência sustentável com a natureza, embora ainda utilize práticas milenares, como as queimadas e as plantações e criações de gado extensivas. Aumentar a produção de alimentos e reduzir o processo de ocupação de áreas virgens da Floresta Amazônica é a equação a ser resolvida, nos dias de hoje, pelos pesquisadores que trabalham na região.

Essa preocupação já existia em 1949, quando a revista Time, uma das mais conhecidas e respeitadas do mundo, publicou matéria sobre os trabalhos desenvolvidos pelo Instituto Agronômico do Norte. Em destaque, o homem que conseguiu aprovação do parlamento brasileiro para um orçamento de 2 mil dólares (na época uma soma extraordinária, três vezes maior do que o normal, como destacou a reportagem) para a pesquisa na Amazônia.

Esse homem, que contava 53 anos de idade, era Felisberto Cardoso de Camargo e o projeto, que perseguiu durante toda a sua vida, desde que conheceu o lado norte do País: transformar 40% do Brasil potencial em realidade concreta. Ele acreditava no potencial das várzeas do Amazonas e seus afluentes.

Nessa época, a principal riqueza explorada era a borracha, mas a produção já estava em decadência há mais de duas décadas. Enquanto o extrativismo dessa espécie florestal foi rentável, as cidades da região pareciam um pedaço de terra descolado do Brasil. Era uma outra dinâmica, ditada pelas fortunas dos barões da borracha ou “madeira gotejante”, como os índios nativos da região chamavam a seringueira de onde se extrai o látex.

A Time chegou a afirmar que a única esperança para o “vale amazônico” seria o cultivo de seringueiras em plantações, como Henry Ford<sup>1</sup> tentou, mas não conseguiu fazer. Felisberto Camargo, no entanto, tinha outros planos para a Amazônia. Ele sabia que a região não sobreviveria apenas da borracha e direcionou as pesquisas do órgão que dirigia para o desenvolvimento de outras culturas, como o arroz, o dendê, a pupunha, o urucu, o timbó, entre outros.

O Instituto Agrônomo do Norte (IAN), usado como ferramenta para levar adiante seu projeto de mudar a história da produção na Amazônia, hoje é a Embrapa Amazônia Oriental, braço regional da maior instituição de pesquisa do País. A Faculdade de Ciências Agrárias do Pará (Fcap), que no início chamava-se Escola de Agronomia da Amazônia e, mais recentemente, transformou-se na Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra), foi outro legado que o cientista ajudou a erguer. Sua história de vida e sua trajetória como pesquisador estão intimamente ligadas ao futuro (e ao passado) da região.

As 1.320.000 milhas quadradas de selva, peixes ferozes, macacos e insetos selvagens conhecidas como vale amazônico contém apenas 2.092.000 habitantes, cerca de 4% da população do Brasil. Os nativos aprisionam crocodilos, cultivam juta e arroz em clareiras e coletam seringueiras nativas espalhadas amplamente na floresta.<sup>2</sup>

Camargo era um profissional movido a paixão. Quando deliberava implantar um projeto, dificilmente alguém o demovia. Foi assim quando decidiu construir os canais de colmatagem no Rio Amazonas. Não perguntou para a comunidade

---

<sup>1</sup> Henry Ford (1863-1947), industrial norte-americano que criou a fábrica moderna de automóveis. A linha de montagem idealizada por ele foi responsável na década de 1920, por 50% da produção mundial de veículos.

<sup>2</sup> Trecho de reportagem publicada na revista Time, de 9 de abril de 1951.



Felisberto Cardoso de Camargo.



José Basílio e Maria Antonia, pais de Camargo.

local ou para as diversas esferas de poder regional se podia ou não fazer. Fez. Enfrentou muitas críticas, na época e décadas depois. Sempre reagiu no mesmo tom.

Mas a impetuosidade do funcionário público não o impedia de cumprir rigorosamente o rito burocrático para conseguir aprovar um projeto. Depois de ganhar o aval do ministro de sua área, ninguém o segurava. Foi assim quando decidiu importar o gado zebu red sindhi do Paquistão. Enfrentou a pressão dos técnicos do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, dos pecuaristas do Triângulo Mineiro, do pessoal do Itamarati, dos burocratas do Ministério da Agricultura e do próprio ministro de Getúlio Vargas, João Cleophas.

Porém, não desistiu. E não sossegou enquanto não trouxe os animais, ele mesmo servindo de tratador dentro de um avião quadrimotor inglês. Entretanto, foi impedido de descer no aeroporto de Belém, sendo obrigado a pousar na Ilha de Fernando de Noronha, e ainda ficou retido na aeronave por 48 horas, vestindo apenas um short, já que sua roupa virou fogueira por ordem do diretor do Departamento Nacional de Produção Animal, João Barreto.

Essas e outras histórias da obra de Camargo pretendem traçar um perfil do técnico e da gênese da pesquisa agropecuária na Amazônia, a partir da década de 1940.

*Paulo Roberto Ferreira  
Marly Quadros*

# Sumário

---

## Capítulo 1

Da Serra de São Pedro para Gainesville	23
Em quatro continentes	29
Convulsões políticas	31
A família	34
A sedutora Amazônia	40
Probidade	42
Intempestivo	43
Ousado	46
Impetuoso	47
Religiosidade	48

## Capítulo 2

Instituto Agronômico do Norte	51
A chegada	57

### Capítulo 3

<b>Seringueira, o primeiro desafio</b>	<b>61</b>
Fordlândia	66
Tecnologia versus extrativismo	68
Sem rodeios	71
Mexendo no vespeiro	75
Em nome dos seringueiros	83
Fluência e encanto	85

### Capítulo 4

<b>Romper com o extrativismo arcaico</b>	<b>87</b>
A instalação	93

### Capítulo 5

<b>A tentativa de domar o Amazonas</b>	<b>101</b>
Uma imensa baía	110
Obra maravilhosa	115
Não é o inferno verde	116

### Capítulo 6

<b>O investimento em genética animal</b>	<b>119</b>
Comigo é diferente!	127
A ressurreição de Felisberto	132
Outra derrota, a da burocracia	133
Pioneirismo com a raça Nelore	139
Fomento e melhoramento do búfalo	140

### Capítulo 7

<b>Ciência x Tecnologia</b>	<b>145</b>
-----------------------------	------------

<b>Capítulo 8</b>	
<b>Os futuríveis e os grandes lagos</b>	<b>155</b>
<b>Capítulo 9</b>	
<b>Contribuição à fruticultura</b>	<b>167</b>
Forma primitiva do curauá	172
Reconhecimento de Smith	172
Dendê	174
Ecologicamente adequada	176
<b>Capítulo 10</b>	
<b>Mentalidade agrícola, reação contra a pobreza</b>	<b>177</b>
<b>Conclusão</b>	
<b>Legado para a História</b>	<b>187</b>

# Capítulo 1

---

## **Da Serra de São Pedro para Gainesville**

Crise do café e pós-graduação

**F**elisberto Camargo nasceu no dia 10 de setembro de 1896, 7 anos após a proclamação da República, na Fazenda São João, na Serra de São Pedro, em Piracicaba, São Paulo. A fazenda pertencia a seus pais, José Basílio de Camargo e Antônia Cardoso de Camargo, plantadores de café. O pesquisador veio ao mundo no mesmo ano em que se instalavam os Primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna e, no Brasil, se iniciava a sangrenta Guerra de Canudos. O presidente da República era o paulista Prudente de Moraes e o conflito teve origem no interior da Bahia. O cearense Antônio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido como Antônio Conselheiro, arrebanhou muitos seguidores e chegou a formar uma cidade de excluídos. Mas ao pregar a restauração da monarquia, assinou sua sentença de morte.

Os três primeiros filhos de José Basílio nasceram na fazenda, mas com a crise do café ele teve de se mudar para a sede do Município de Piracicaba. Lá, trabalhou em sociedade com o irmão João, proprietário da grande loja de ferragens Porta Larga, situada na rua principal do comércio da cidade, a Governador Pedro de Toledo, e que, ainda hoje, está de pé.



Camargo (primeiro à esquerda) com os pais e irmãos.